



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" São Cristóvão/SE/Brasil 20 a 22 de Setembro de 2018 ISSN: 1982-3657



Recebido em:
28/07/2017
Aprovado em:
30/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

O ENSINO DE HISTÓRIA NAS PRÁTICAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA ANÁLISE DOS DESAFIOS DO ATO DE ENSINAR PARA OS DISCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA NA MODALIDADE EAD DO CESAD/UFS.

ANA SILVIA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA
FERNANDA SANTOS CORREIA CAVALCANTI
MONAQUELLY CARMO DE JESUS

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Resumo: Este artigo trata do ensino de História nas práticas do Estágio Supervisionado e faz uma análise dos desafios presentes no ato de ensinar História. O público-alvo da pesquisa foram os discentes do curso de Licenciatura em História do CESAD - UFS do semestre 2016.2, matriculados na disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de História. O curso é oferecido na modalidade EAD por meio da UAB. Abordo as possibilidades e dificuldades enfrentadas no processo de realização do estágio pelos discentes, percebidas a partir do acompanhamento realizado por mim enquanto professora/tutorada da disciplina. A metodologia utilizada, envolveu análise de questionários aplicados aos alunos, além de relatórios de estágio, documentos como Manual do Estágio Supervisionado, planejamento acadêmico da disciplina, entre outros e acompanhamento no AVA e presencialmente. Autores como Bittencourt, Fonseca, Silva, Schimidt, Chervel, auxiliaram nas discussões teóricas.

Palavras-chave: Ensino de História, Desafios, Possibilidades

Abstract: This article deals with the teaching of History in the practices of the Supervised Internship and analyzes the present challenges in the teaching of History. The target audience of the research were the students of the Bachelor's Degree in History of CESAD - UFS of the semester 2016.2, enrolled in the discipline Supervised Internship in Teaching History. The course is offered in the EAD modality through the UAB. I discuss the possibilities and difficulties faced in the process of accomplishment of the internship by the students, perceived from the accompaniment carried out by me as teacher / tutor of the discipline. The methodology used involved the analysis of questionnaires applied to students, as well as internship reports, documents such as Supervised Internship Manual, academic planning of the course, among others, and follow-up in the AVA and in person. Authors like Bittencourt, Fonseca, Silva, Schimidt, Chervel, assisted in the theoretical discussions.

Key words: History Teaching, Challenges, Possibilities.

Pensar em educação a distância, leva-nos a refletir sobre a educação na contemporaneidade e força-nos a repensar o papel, a organização, as metodologias da rede de ensino superior e rever como estão sendo conduzidas as bases da formação docente pela universidade no contexto em que busca avaliar seu alcance e compromisso social. (RISTOFF, 2006).

A Universidade, diante do desafio de promover a democratização do saber deve promover reflexão contínua sobre a

realidade. (Martins, 1991). As Instituições de Ensino Superior (IES) são cobradas perante a exigência do mercado e da sociedade, sendo direcionadas a absorverem a alta demanda de educação superior. Assim, aliando os avanços das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) à necessidade de ampliação do acesso ao ensino superior, as IES encontram terreno fértil para instalar e estabelecer uma nova modalidade de ensino conceituada de EAD (Educação a Distância) via internet.

A EAD passa a ser implantada na educação superior objetivando a formação docente. Entretanto, esse processo não é automático e sem percalços, de forma que vem carregando em seu bojo muitos questionamentos e problemas (GIOLO, 2006).

Dentre os problemas, destacam-se aqueles atrelados aos saberes e competências no uso das NTIC. Nem todos os envolvidos nessa nova modalidade de ensino estão preparados para responder aos desafios atuais da sociedade em rede. Dessa forma, existem duas questões postas: a urgência em promover a ampliação do acesso à educação superior a partir da EAD e o despreparo dos que buscam o ensino superior via internet.

É necessário conhecer e analisar o perfil dos alunos que estão ingressando e cursando na modalidade EAD. O processo e a relação de ensino-aprendizagem na educação à distância, via de regra, depende em grande medida da aceitabilidade do aluno em usar as NTIC, sendo assim, perceberemos que há alunos que já são concludentes, já que o Estágio Supervisionado faz parte das etapas finais da formação e pouco utilizaram o ambiente virtual de aprendizagem disponibilizado pela Instituição. Observo que grande parte dos discentes, sendo herdeiros do ensino convencional, com o professor como a figura central, resiste às mudanças que orientam para a produção de conhecimento de forma mais autônoma.

No universo da EAD, não somente os alunos encontram dificuldades diante desse novo sistema de ensino. Há outro complicador na condução do ensino à distância: a qualificação dos profissionais que estão à frente do processo da educação à distância, especialmente daqueles que estão ao lado do aluno – os professores-tutores. Na medida em que a qualidade do ensino superior à distância perpassa pela qualificação dos tutores, faz-se necessário agregar novas competências, tanto na prática pedagógica, quanto para o uso das novas tecnologias, uma vez que são os tutores os responsáveis pelas aplicações das práticas pedagógicas e figurarem como elo entre o estudante e a instituição no sistema EAD.

São, assim, quatro as grandes áreas de competências que cabem aos professores nessa modalidade: cultura técnica, competência de comunicação, capacidade de trabalhar com método e capacidade de capitalizar seus saberes e práticas. (BELLONI, 2006, p.87). Diante desse quadro, tanto é urgente a redefinição da formação dos professores, como também o é a formação de formadores. (BELLONI, 2006, p.106).

O CESAD[i] atualmente está presente em 13 (treze) Pólos situados nos municípios de Arauá, Brejo Grande, Carira, Estância, Japarutuba, Lagarto/Colônia 13, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora das Dores, Poço Verde, Porto da Folha, Própria, São Cristóvão, São Domingos, contando cada Pólo com 50 (cinquenta) vagas para o Curso de Licenciatura em História a Distância. Sobre os cursos e a tutoria no CESAD, é importante destacar:

Os cursos oferecidos pela UAB têm a mesma duração dos cursos oferecidos pela UFS na modalidade presencial. Durante o curso, o aluno receberá as aulas em módulos impressos com todo o conteúdo da disciplina, especialmente produzido por professores do quadro da UFS. (...) Cada disciplina é coordenada por um professor, o qual, juntamente com os tutores presenciais e os tutores que atuam à distância dão suporte completo ao aluno, esclarecendo assuntos específicos, auxiliando no desenvolvimento das atividades ou mesmo tirando as mais diversas dúvidas. A interação entre o aluno e os tutores à distância é realizada através de um ambiente virtual de aprendizagem que envolve um conjunto de ferramentas como chats, fóruns, notícias, mensagens e interação.[ii]

A educação a distância não é algo novo no sistema educacional brasileiro[iii], como também não é recente o estudo reflexivo sobre a modalidade de ensino, conforme nos apresenta uma revisão da literatura impressa e virtual sobre o assunto.

A maioria dos trabalhos busca compreender tanto o contexto em que está sendo implantado o sistema de educação à

distância, como também estudam como este processo está ocorrendo de dentro para fora no sentido de conhecer e compreender os novos conceitos e as novas práticas que norteiam a EAD em cursos de formação docente, discutindo os problemas característicos do uso das NTIC na educação. A prática da tutoria como nova forma de ensino é uma constante na literatura especializada sobre educação a distância, entretanto, são poucos os trabalhos que são feitos a partir de estudos de caso abordando questões específicas dentro do processo dessa modalidade de educação.

Um estudo sobre o estado da arte a respeito da formação docente no Brasil produzido em 1999 nos dá um mapeamento estatístico do número de temáticas que são analisadas nos estudos. Segundo o texto, as práticas pedagógicas enquanto temática de interesse acadêmico incorriam com menor ênfase, chegando a menos de 12% dos trabalhos. (ANDRÉ, 1999). Desde então o número de trabalhos vem crescendo, acompanhando o aumento de instituições credenciadas. Desde 1998 houve um aumento sistemático de Instituições de Ensino Superior (IES) ofertando licenciaturas à distância, registrando que dos 200 mil alunos iniciais, a internet possibilitou um aumento para cerca de 1,2 milhões no ano de 2002 (MORAN, 2002, p. 51).

Segundo Moran, “o avanço da internet está trazendo grandes mudanças para a educação presencial, ao introduzir momentos e técnicas de educação à distância. E a EAD começa a se aproximar da presencial, a sair do nicho que se encontra” (2002, p. 252). Para este autor, a relação entre a educação presencial e não presencial vai se estreitar do ponto de vista técnico e metodológico, predominando os cursos semipresenciais, caminhando para uma flexibilização que facilite o trânsito entre o presencial e o virtual (MORAN, 2002, p. 273).

Nesse sentido, o papel da educação na atualidade é tornar o homem consciente, onde há uma constante busca pelo saber, onde as possibilidades de aprendizagens são diversas e constantes, onde o aprender a aprender se dá, coexiste, impulsiona as ações dos envolvidos. A EAD trata-se, pois, de uma modalidade de educação que incorpora novos conceitos, instrumentos e metodologias, resultando em novas práticas, fazendo-se necessário ao profissional e aluno da EAD a “aprender a reaprender” (GONZALEZ, 2005, p.7).

Postas, então, algumas problemáticas que envolvem a própria modalidade na qual o curso de Licenciatura em História é oferecido, passemos para a análise das questões que tratam do ensino de História, do processo de formação docente e da prática do ensinar história por parte dos alunos do curso de História do CESAD-UFS, no semestre de 2016.2, a partir das práticas de Estágio Supervisionado em Ensino de História.

Sabemos que o ensino de História ao longo dos anos, foi sendo transformado. Os conteúdos não estavam reunidos em uma disciplina escolar, eram ministrados a partir de outras disciplinas; no ensino secundário, as interferências do IHGB como produtor da história nacional refletiam nas práticas do ensino de História; no período republicano, o projeto de unificação do ensino escolar no país a partir da ideologia varguista foi implementado; com a ditadura militar e a criação da disciplina Estudos Sociais, unindo a História e a Geografia, ainda a EMC e OSPB, há um retrocesso no ensino de História; com o processo de redemocratização, esse quadro começa a ser alterado e o ensino de História passa a sofrer influências da Nova História, com um viés cultural permeando as discussões sobre as mudanças que seriam operadas na disciplina nos anos posteriores, através de documentos como os PCN.

Não ficou de fora desse processo de transformação, também a formação dos professores de História. Na década de 1930, foram criados os primeiros cursos de formação de professores no Brasil. Durante a Ditadura, as Licenciaturas Curtas imprimiram o boicote às discussões históricas e ao poder transformador que a nossa disciplina possui. Já na década de 80, as discussões promovidas pela ANPUH e a AGB, culminaram com as transformações operadas na atualidade, através de documentos como os PCN e o conjunto de ações que visam a melhoria tanto da formação do professor de História, quanto do ensino de História.

De acordo com Chervel, estudar o ensino de História, perpassa pela compreensão da História como disciplina escolar, entenda-se também, da relação entre professor e aluno. A disciplina escolar, por sua vez, amplia o horizonte em qualquer campo que se encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte. (CHERVEL, 1990, p.180). A partir desta proposição, é importante frisar que no caso da disciplina escolar História, é o conhecimento histórico que será estudado.

E esse conhecimento histórico precisa ser apreendido pelo discente para que na sua prática de sala de aula, ele consiga superar a imagem de um ensino de História considerado como “chato e enfadonho”, com uma gama de

conteúdos a serem memorizados mecanicamente, a história factual e cronológica deve ser substituída por uma história crítica e questionadora dos fatos, que propõe análises acerca dos acontecimentos. Para isso, considerar os conteúdos que serão ministrados é importante e sobre a questão dos conteúdos no ensino de História, Fonseca e Guimarães nos alertam que:

(...) Os conteúdos priorizados e transmitidos durante anos foram, basicamente, os fatos políticos, as datas cívicas e os nomes de heróis. Esses eram, de modo geral, memorizados de forma mecânica pelos alunos. O papel do professor limitava-se ao de mero reprodutor de conteúdos, e o dos alunos ao de espectadores passivos de determinados “conteúdos”, o que acabava legitimando e perpetuando a “memória dos vencedores”, a chamada “História Oficial”. E, ao mesmo tempo em que se dificultava a compreensão da História, como experiência humana de diversos sujeitos e grupos, constituía-se um limite ao desenvolvimento de novas práticas pedagógicas que visavam romper com a forma tradicional de ensinar História na sala de aula. (...) (FONSECA E GUIMARÃES, 2010, p 27)

Colaborar com um ensino mais significativo deve ser um dos objetivos do discente de História em suas práticas de estágio justamente para promover o afastamento das concepções da história como narrativa, que privilegiavam um conjunto de fatos, nomes e datas, seguindo uma cronologia linear. E esse é justamente o principal desafio apontado pelo nosso público-alvo no processo e concretização do estágio.

O professor de História é o profissional que possui os saberes para propiciar aos educandos condições, ou mesmo um espaço de reflexão, que o possibilite adquirir as ferramentas necessárias para o trabalho. De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt:

O saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas (SCHMIDT, 2010, p 67).

Assim, a disciplina de História não é informativa, como vulgarmente se pensa, mas formativa, ela é responsável por ensinar aos educandos a relação entre o passado e presente, a refletir sobre os problemas vivenciados em seu tempo e a criar novas problemáticas de reflexão que os possibilitem intervir na sociedade na qual estão inseridos.

Ainda, de acordo com a autora, ensinar História passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História. Construir condições para a emancipação do aluno de forma que esse possa se perceber como um sujeito histórico.

Nessa perspectiva, de acordo com Schmidt,

A aula de História é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de uma atividade com a qual ele retome a atividade que edificou esse conhecimento. (SCHMIDT, 2010, p. 57).

Afinal, para a autora, na sala de aula, o professor ciente de seu papel como sujeito histórico, trava “um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa” (2010, p. 57).

Questões que envolvem as práticas de sala de aula e do ser professor de história postas, vamos às análises dos desafios do ato de ensinar História, apontados pelos discentes do curso de Licenciatura em História do Centro de Educação Superior a Distância da Universidade Federal de Sergipe do semestre 2016.2, matriculados na disciplina Estágio Supervisionado em Ensino de História.

O primeiro desafio enfrentado foi a busca do campo de atuação. Alguns discentes sentiram dificuldade em conseguir

acesso às escolas, de preferência públicas, para a realização do Estágio. Citaram que, apesar de apresentarem-se à Escola na qual desejavam realizar as práticas de estágio, munidos de documento expedido pela Instituição, documento este que apresenta os discentes enquanto alunos matriculado na disciplina Estágio Supervisionado e aptos para a realização do Estágio em Ensino de História, tiveram, em algumas situações, que convencer a direção da escola acerca da importância da prática, tanto para o estagiário, quanto para a instituição de ensino.

Além da dificuldade de acesso a alguns campos de estágio, existiram situações na qual o diretor não disponibilizou a documentação de acesso público da escola, como o PPP, para que os alunos pudessem ter contato com a realidade da instituição de ensino, que em alguns casos, teve que ser percebida apenas em duas aulas de observação da prática do professor regente das turmas, que os acompanharia no decorrer do estágio, além de conversas com o mesmo. Algumas das justificativas apresentadas foi o fato dos referidos documentos estarem em fase de construção.

Sendo a modalidade do curso de Licenciatura em História a EAD, o fato do contato com os alunos se deu basicamente via internet, sendo que não existem visitas do professor coordenador de disciplina ou do tutor da disciplina aos campos de estágio, até por que estes encontram-se espalhados pelas cidades do interior do Estado; este foi também apontado como um dos desafios enfrentados por boa parte dos alunos. Os momentos presenciais se restringiram ao Encontro de Ensino de História realizado no Pólo da cidade de Arauá, cuja participação dos alunos foi bastante representativa e ainda três momentos no CESAD Campus São Cristóvão, devido as entregas presenciais de avaliações programadas.

Nesses encontros presenciais com a tutoria, os discentes compartilhavam suas experiências, socializavam o andamento do estágio, retiravam dúvidas, buscavam orientações mais claras acerca da conclusão das questões burocráticas que autorizam o início do Estágio Supervisionado, ainda orientações didático-pedagógicas acerca do andamento do estágio. Foram ricos esses momentos presenciais, pois houve a possibilidade de um diálogo individualizado entre discentes e tutora. Até mesmo no processo de impulsionamento dos alunos e promoção da motivação daqueles que de alguma forma encontraram maiores dificuldades no acesso ao campo. O olho no olho e a palavra de encorajamento foram essenciais nesse processo.

Outros desafios apontados foram: o perfil e processos de aprendizagem diferenciados entre os alunos de uma mesma turma, ainda as salas de aula lotadas, a estrutura física comprometida das escolas, a falta de recursos sendo muitas vezes o livro didático o único deles.

A discente M. aponta algumas dessas dificuldades:

O ensino público de modo geral é precário, os professores não tem recursos para transformar suas aulas tradicionais em aulas dinâmicas. Os alunos não tem uma boa base, isso é uma boa preparação nas séries iniciais e isso atrapalha todo o andamento do aluno na sua vida escolar. O professor tem muita dificuldade de trabalhar nessas escolas porque além de não termos recursos adequados, os alunos muitas vezes não se interessam pelo aprendizado, além de estarem em níveis deferentes, e acaba dificultando o trabalho do professor. Sei que as dificuldades são muitas, mas o que motiva a continuar é saber contorná-las.

Sua colocação se encerra com uma ênfase a possibilidade de contornar tais dificuldades. Sendo assim, a prática do estágio oportunizou o contato com a, muitas vezes, dura realidade de grande parte das instituições de ensino público, promovendo uma reflexão e fazendo com que os alunos ponham os pés no chão sobre as dificuldades que farão parte dos seus percursos profissionais e saber contorná-las, como disse a estagiária, é essencial, pois elas efetivamente existem.

Constatei, assim, que a possibilidade do aprender a aprender e do aprender a ensinar estão inter-relacionadas com a prática do Estágio Supervisionado em Ensino de História. Utilizando-me de documentos e questionários, em um processo de leitura crítica dos materiais didáticos impressos produzidos pela instituição, incluindo os documentos pedagógicos produzidos para os tutores (Manual de estágio supervisionado, planos de aula, planejamento acadêmico da disciplina, ementa da disciplina, instrumentos de avaliação e orientação impressos), e os produzidos para os discentes (instrumentos de orientação de atividades), além dos resultados obtidos na disciplina como os relatórios

finais de estágio, também os questionários elaborados por mim e respondidos pelos alunos, identifiquei algumas importantes questões que destacarei a seguir.

Sobre o Manual de Estágio Supervisionado, produzido pelo Professor Marcos Silva, este documento é de leitura indispensável aos alunos, nele, estão presentes as normas e procedimentos para a realização do estágio supervisionado em História da Instituição. No texto, encontramos uma definição do Estágio apresentando uma perspectiva da indispensabilidade do mesmo. É o exercício do ensinar história a se concretizar.

O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se, dentro das exigências curriculares, campo privilegiado para o exercício pré-profissional em que o estudante de graduação interage diretamente com o ambiente de trabalho e desenvolve atividades fundamentais, profissionalizantes, programadas, avaliáveis em créditos e conceitos, com duração e supervisão estabelecidas por Leis e Normas. O Estágio Curricular Supervisionado é fundamental ao estagiário porque oportuniza o primeiro contato com o mercado de trabalho, aumentando as possibilidades de ingresso do aluno no campo profissional, consolidando um futuro promissor. Trata-se de uma atividade obrigatória, prevista no Projeto Político Pedagógico de cada curso. (SILVA, 2011, p. 08)

Em uma análise do Planejamento Acadêmico da disciplina, os objetivos geral e específicos apresentados, afirmam a necessidade de:

Objetivo Geral: Oferecer ao aluno de Licenciatura em História a oportunidade de desenvolver atividades típicas de sua futura profissão na realidade social do campo de trabalho. Objetivos Específicos: Contribuir para a formação de uma consciência crítica no aluno em relação à sua aprendizagem nos aspectos profissional, social e cultural. Permitir a retro alimentação das disciplinas e dos cursos, ensejando as mudanças que se fizerem necessárias na formação dos profissionais, em consonância com a realidade encontrada nos campos de estágio. Contribuir para o desenvolvimento da cidadania, integrando a universidade à comunidade.

Através da prática do Estágio, é oportunizado ao aluno o contato com a sala de aula, que para muitos, é uma realidade nova, apesar de, no caso dos alunos do CESAD, alguns já possuírem formação em outra licenciatura ou pedagogia e em consequência, a prática do ensino já tenha sido experimentada. No entanto, o direcionamento para o ensino de História e o contato com o cotidiano profissional, que fará parte da vida destes futuros professores de História, é visto como exercício fundamental.

Todos os discentes apontaram o Estágio, o exercício e o ato de ensinar História, como algo essencial para a sua formação profissional. Alguns chegaram a afirmar que não haveria sentido o curso se não existisse a experimentação em sala e colocaram a prática do Estágio como indispensável para a sua formação como professores de História.

O discente R. em seu relatório de estágio enfatiza que

O Estagio Supervisionado é um processo de aprendizagem indispensável a todo profissional que deseje ingressar na área da educação e busca assim, preparar-se para enfrentar os desafios de uma carreira árdua que é a do professor. Assim, o Estágio é um termo empregado para representar uma valiosa chance de vivenciar na prática o que aprendemos durante o período acadêmico, caracterizando assim, uma forma de refletir sobre quais técnicas, irá impulsionar as nossas carreiras profissionais, as novas compreensões de procedimento em sala de aula e a edificação do conhecimento abrangendo os alunos do ensino fundamental em sua totalidade. Acredito que com essa oportunidade é possível a visualização do crescimento contínuo de todos os envolvidos, sejam eles: alunos, pais, equipe, coordenação pedagógica, direção, professores, entre outros, todos unidos em prol do processo educacional que envolve a palavra “PROFESSORDE HISTÓRIA” criando uma ligação necessária para o desenvolvimento de práticas educacionais de nós, como estagiários.

Na conclusão do Relatório Final de Estágio, os alunos J. e V. afirmaram:

O estágio nos proporcionou uma experiência bastante enriquecedora em todos os momentos, desde o jeito de contar as histórias, até mesmo em ver o comportamento dos alunos se modificar, tornando-se mais acolhedores e afetivos. O estágio foi um período em que buscamos vincular aspectos teóricos com aspectos práticos. Foi um momento em que a teoria e a prática se mesclaram para que fosse possível apresentar um bom resultado. E, sobretudo, perceber a necessidade em assumir uma postura não só crítica, mas também reflexiva da nossa prática educativa diante da realidade e, a partir dela, para que possamos buscar uma educação de qualidade, que é garantido em lei (LDB - Lei nº. 9394/96). Enfim, temos a sensação de que somos vitoriosos, por alcançar os objetivos traçados para este estágio, por transpor as dificuldades encontradas e, sobretudo, conquistar, se não todos os alunos, pelo menos uma parte e transmitir o conhecimento histórico de forma mediadora, coerente, crítica.

A sensação de dever cumprido é apontada pela dupla, ao afirmarem que alcançaram os objetivos pretendidos no estágio, além da importância do exercício da relação teoria e prática que é apreendida com o fazer pedagógico do ato de ensinar. Em questionário, afirmaram sentirem-se preparados para ensinar história, ressaltando que possuem afinidades maiores com alguns conteúdos.

O aluno J. apresentou discurso parecido em seu relatório final de estágio e afirmou:

O estágio no ensino médio me possibilitou a experiência mais próxima da profissão. Conhecendo a prática social cotidiana do professor. Com as orientações do supervisor pedagógico tive a oportunidade de aprender como é trabalhada a teoria em relação à realidade escolar. Compreendi como o planejamento do trabalho de ensino é importante. A experiência na prática de ensino me proporcionou aprender as dinâmicas no processo educativo: a) a relação entre teoria e prática; b) domínio metodológico; c) a busca de referências bibliográficas; d) processo de ensino-aprendizagem dos alunos; e) coerência na construção pedagógica em relação com realidade social dos alunos. Além disso, pude desenvolver habilidades competências na maneira de trabalhar os conteúdos com os alunos. Melhor articulação na comunicação, melhor redação, capacidade de analisar os principais dilemas a prática docente, compromisso com as aulas, sensibilidade com questões com a realidade dos alunos. Em suma, considero que minha formação na prática docente como professor foi alcançada. Considero-me capaz de lecionar conteúdos de História no ensino médio, levando em consideração abordagens teórico-metodológicas.

Por fim, afirmo a minha satisfação em auxiliar os alunos em um tão importante passo da sua formação enquanto professores de História e reitero a necessidade da prática para que os contatos com as realidades escolares se deem, para que os discentes possam experimentar o chão da escola e apreender realidades que farão parte das suas vidas profissionais. Os desafios sempre existirão e a vontade e ações efetivas para transformá-los também devem estar presentes nas nossas práticas, afinal, somos professores de História e na realidade tudo isso nos desafia advertindo para o “repensar” das nossas ações educacionais.

[i] A criação do **CESAD** foi aprovada pela **RESOLUÇÃO N° 49/2006/CONSU** a partir da transformação do Centro Editorial e Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe. Sobre a implantação do CESAD Cf. Fonseca, Genisson Alves da Implantação da educação a distância via internet na Universidade Federal de Sergipe: um conjunto de diretrizes, 2006. 184f. (Mestrado em Educação).

ii Ver site: cesad.uf.br

[iii] A história da EaD no Brasil, data da década de 1920 e, desde então, vem sendo construída e ampliada a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e das novas tecnologias tendo iniciado com o uso de correspondências,

depois para a radiofonia, em seguida através da televisão e atualmente usando de maneira conjugada meios telemáticos e midiáticos, com destaque para o computador e a internet. (Saraiva, 1996)

ANDRÉ, Marli, Simões, Regina H. S., CARVALHO, Janete M., BRZEZINSKI, Iria. **Estado da Arte da Formação de Professores no Brasil**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro, 1999.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação à distância**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 54-66.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e terra, 2000. Volume 1 – A sociedade em rede.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. nº 2, 1990, p. 177-229.

FONSECA, Selva Guimarães e GUIMARÃES, Iara Vieira. **Metodologia do Ensino de História**. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

_____, **Caminhos da História Ensinada**. 3ª ed. Campinas, Papirus, 1995.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1994.

_____, **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras: Celta, 1997.

GONZALEZ, Mathias. **Fundamentos da Tutoria em EaD**. São Paulo: Avercamp, 2005. 93p.

GIOLO, Jaime. *O PNE e a Expansão da Educação Superior no Brasil*. In: RISTOFF, Dilvo & SEVEGNANI, Palmira (orgs.). **Universidade e Compromisso Social**. Brasília: INEP, 2006. (Coleção Educacional Superior em Debate; v.4) p.19-51

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999.

_____, **O que é virtual** Trad. Paulo Neves. São Paulo, Ed. 34, 1996.

MARTINS, Onilza Borges. **A educação Superior à Distância e a Democratização do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1991.p.70.

MORAN, José Manuel. A Educação Superior a Distância no Brasil. In. ARROSA, Susana (org.) A Educação Superior no Brasil. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. p. 251-74

_____. **Educação inovadora presencial e a distância**. SILVA, Marco (org.). Educação online: contribuições para uma pedagogia da educação online. São Paulo: Loyola, 2003

RISTOFF, Dilvo & SEVEGNANI, Palmira (orgs.) *Introdução*. In:**Universidade e Compromisso Social**. Brasília: INEP, 2006. (Coleção Educacional Superior em Debate; v.4) p.9-15

SILVA, Marcos. **Manual de Estágio Supervisionado em Ensino de História**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

SILVA, Marcos e FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar história no século XXI**: Em busca do tempo entendido. São Paulo: Papirus, 2007.

[1] A criação do **CESAD** foi aprovada pela **RESOLUÇÃO Nº 49/2006/CONSU** a partir da transformação do Centro Editorial e Audiovisual da Universidade Federal de Sergipe. Sobre a implantação do CESAD Cf. Fonseca, Genisson

Alves da Implantação da educação a distância via internet na Universidade Federal de Sergipe: um conjunto de diretrizes, 2006. 184f. (Mestrado em Educação).

2 Ver site: cesad.uf.br

[3] A história da EaD no Brasil, data da década de 1920 e, desde então, vem sendo construída e ampliada a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e das novas tecnologias tendo iniciado com o uso de correspondências, depois para a radiofonia, em seguida através da televisão e atualmente usando de maneira conjugada meios telemáticos e midiáticos, com destaque para o computador e a internet. (Saraiva, 1996)